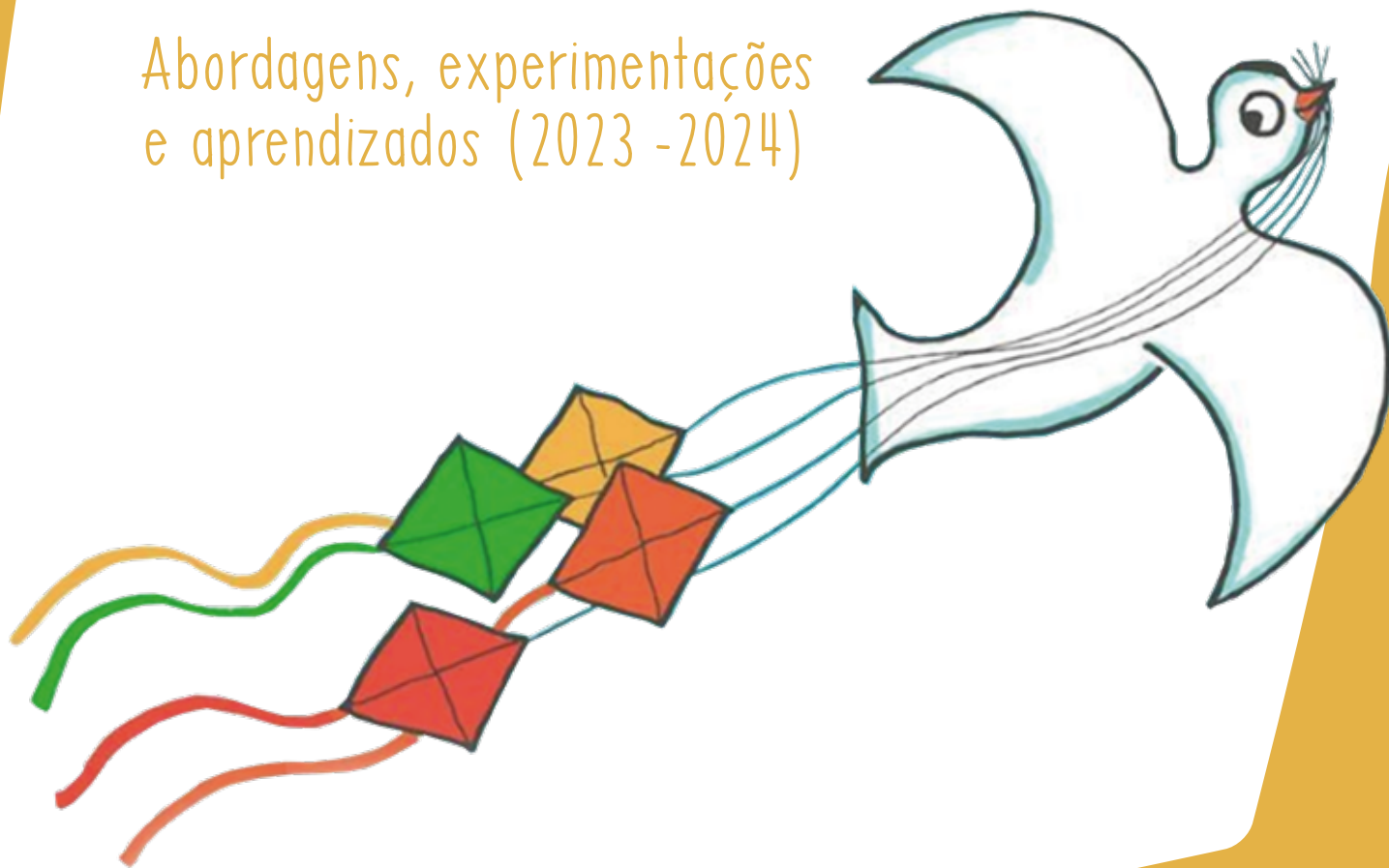


NARRATIVAS DE PAZ NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Abordagens, experimentações
e aprendizados (2023 -2024)



NARRATIVAS DE PAZ NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Abordagens, experimentações e aprendizados (2023-2024)



CRÉDITOS



CECIP Centro de Criação de Imagem Popular

Diretor Executivo Claudius Ceccon

Diretora Administrativa Dinah Frotté

Coordenadora de Projetos Gianne Neves

Coordenador Financeiro Elcimar Oliveira

Comunicação Beatriz Cruz

Equipe do projeto Narrativas de Paz

Coordenação Maria Mostafa

Facilitadoras Elisa Brazil, Fabrícia do Nascimento,
Flavia Fassi Samel, Soraia Melo

Comunicação Visual Tatiana Martins

Publicação

Elaboração de textos Equipe Narrativas de Paz, Verena
Dolabella e Tayná Mendes

Fotografias Equipe Narrativas de Paz e Jessica Leone

Projeto Gráfico, Diagramação e Ilustrações Tatiana Martins

Revisão Sonia Cardoso

<https://cecip.org.br/narrativasdepaz/>

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às instituições que fizeram parte do projeto nesta etapa, pela disponibilidade, confiança e parceria na construção das Narrativas de Paz:

CEPAC - Centro Educativo Padre Agostinho Castejón.

Creche Casa Santa Marta.

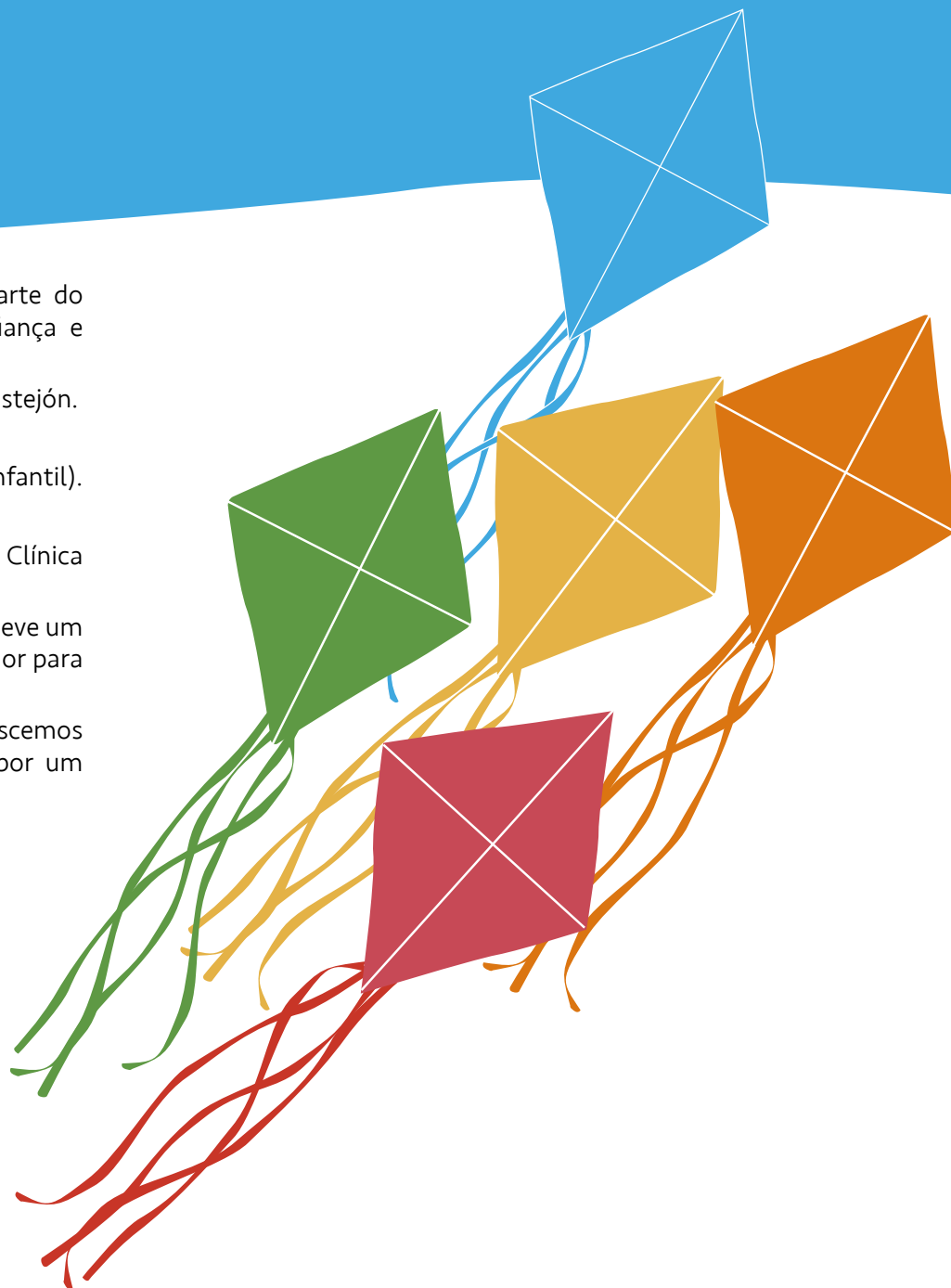
Obras Sociais Unidas de Santa Marta (Mundo Infantil).

Pré-Escola Cantinho Feliz e Instituto Trilho.

Centro Municipal de Saúde Ernani Agrícola e Clínica da Família Santa Marta.

Ao apoio da Porticus, instituição que sempre teve um olhar compreensivo e ao mesmo tempo provocador para que o projeto seguisse forte e atuante.

À equipe ampliada do CECIP, com a qual crescemos juntos no aprendizado, na reflexão e na ação por um Brasil com mais equidade.



SUMÁRIO

05.....INTRODUÇÃO

08.....EXPERIÊNCIA

09..... 1. Formação nas instituições de educação infantil

09..... Casa Santa Marta

14 CEPAC

20..... Mundo Infantil

23 Cantinho Feliz

27 2. Unidades de Saúde

30..... 3. Curso online Experimentando narrativas de paz
e diversidades na educação infantil

33 COMUNICAÇÃO VISUAL

37 AVALIAÇÃO DO PROJETO

43..... CADERNO DE ATIVIDADES

55..... CONSIDERAÇÕES FINAIS

INTRODUÇÃO

Narrativa é uma palavra que tem sido usada com frequência nos últimos anos. Seja no meio acadêmico, político ou das organizações sociais, podemos dizer que ela “está na moda”. Apesar dos diferentes usos e significados, de forma geral “narrativa” fala sobre uma sequência de fatos que ocorrem em determinado espaço-tempo: uma história, real ou fictícia. Desde 2019 o projeto Narrativas de Paz vem produzindo novas histórias com profissionais e cuidadores das crianças na primeira infância, para inventarmos juntas e juntos narrativas outras em meio às violências que marcam nossas vidas e afetam diretamente as crianças da cidade do Rio de Janeiro.

Realizado pelo CECIP (Centro de Criação de Imagem Popular) com o apoio da Porticus, desenvolvemos três etapas de Narrativas de Paz, cada uma com um formato diferente. As etapas tiveram diversidade de públicos, como profissionais de saúde, educadores e um grupo de gestantes e puérperas, e também de territórios: iniciamos no bairro de Santa Teresa e, na última etapa, ampliamos o trabalho para o Santa Marta, sempre no Rio de Janeiro.

Esta publicação conta a história da terceira etapa do projeto, que aconteceu do início de 2023 até abril de 2024. As etapas anteriores também tiveram suas trajetórias sistematizadas e estão disponíveis em duas publicações no site do CECIP.

Neste “terceiro capítulo” da história de criar histórias de paz, centramos o trabalho com profissionais da educação infantil. Também estivemos em articulação em

ações mais pontuais com profissionais de saúde nos dois territórios. Mas, no referente a inovação, o que esta terceira etapa de projeto trouxe como maior aprendizado foi agregar de forma intencional o trabalho com as relações étnico-raciais a um projeto de cultura de paz e primeira infância.

O CECIP desenvolve projetos na área da cultura de paz há alguns anos, com iniciativas inspiradas na justiça restaurativa e em metodologias circulares para exercitarmos outras formas de lidarmos com o conflito e a violência. Da mesma forma, é uma organização atuante no campo da primeira infância no Brasil, tendo realizado a secretaria executiva da Rede Nacional Primeira Infância de 2015 a 2017 e atualmente coordena a Rede Urban95. No entanto, os projetos e debates realizados pela instituição nessas áreas não endereçaram a questão racial de forma assertiva.

Provocados pela Porticus para abordar esse tema com mais visibilidade num projeto que falasse sobre equidade na primeira infância de forma geral, trouxemos a questão racial para o centro da discussão das Narrativas de Paz. A provocação foi extremamente oportuna, já que o CECIP, então uma organização majoritariamente branca, vinha se repensando e também elaborando a compreensão de que não é possível pensarmos num Brasil com mais equidade e justiça social sem enfrentarmos o racismo de forma declarada e em todas as áreas. Com a provocação da Porticus e o amadurecimento do olhar institucional



Equipe do projeto Narrativas de Paz.

para essas questões, chegamos ao entendimento de que a cultura de paz precisa abordar o lugar fundante que o racismo ocupa nas relações e no funcionamento das instituições brasileiras. Da mesma forma, falar em direitos das crianças na primeira infância sem explicitar quem são as crianças que mais sofrem com as desigualdades não nos contempla mais. Criar Narrativas de Paz passa obrigatoriamente pela discussão racial.

Nesta terceira etapa do projeto também desenvolvemos com mais intencionalidade uma discussão sobre relações de gênero e suas interseccionalidades, dado que o campo da primeira infância é atravessado pelo que se convencionou chamar de “economia do cuidado”, com a imensa maioria de mulheres executando os trabalhos relativos ao cuidado e educação das crianças, trabalhos estes desvalorizados e muitas vezes invisibilizados.

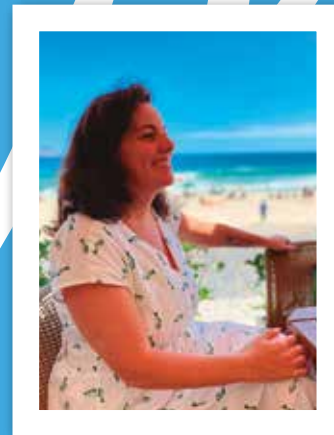
Esta caminhada em direção à racialização da discussão sobre primeira infância e Cultura de Paz teve efeitos no desenho do projeto, no desenvolvimento institucional do CECIP e também na composição da equipe: abrimos uma vaga afirmativa para pessoa negra por entendermos que seguir com uma equipe totalmente branca era continuar contribuindo para a reprodução do racismo na dimensão que nos cabia. É uma mudança que ainda está em processo, com muitas camadas e desafios, mas da qual não nos afastaremos.

Formada por seis mulheres, a equipe vem realizando esse trabalho de pensar a primeira infância com um mergulho profundo e complexo nas relações étnico-raciais – que constituem nosso país e a nós mesmas. Elisa Brazil, Fabrícia do Nascimento, Flavia Samel e Soraia Melo são as facilitadoras, ou seja, planejaram, conduziram e

registraram os encontros que fizeram o projeto acontecer no campo. Por isso, ao trazer para esta publicação a sistematização da nossa experiência, cada uma delas vai contar como foi o trabalho na instituição de educação infantil da qual foram referência em 2023. Afinal, o projeto é modulado pelas diferenças entre as instituições, mas não só: o encontro entre a facilitadora e a instituição também produz nuances dessa narrativa que enriquecem o trabalho. Numa perspectiva mais de bastidores para apoiar o que acontecia no campo estiveram Maria Mostafa, na coordenação, e Tatiana Martins, na comunicação. Além dessa equipe, a coordenação e direção do CECIP sempre esteve presente no acompanhamento das atividades, assim como as equipes dos outros projetos, com as quais constituímos uma “comunidade aprendente”, como gosta de falar nossa coordenadora pedagógica Madza Ednir.

Esta publicação começa com o relato da experiência, que inclui a formação nas instituições de educação infantil, a articulação com as unidades de saúde e o curso online Experimentando narrativas de paz e diversidades na educação infantil. Em seguida, apresentamos um texto sobre a avaliação do projeto, com resultados e recomendações, escrito pelas consultoras que ficaram à frente da avaliação: Verena Dolabella e Tayná Mendes. Em seguida, há uma seção sobre os materiais criados para apoiar as formações em que a pessoa que os desenvolveu, a artista visual Tatiana Martins, fala sobre eles. Por fim, você encontrará um caderno de atividades para compartilhar algumas das dinâmicas e atividades que realizamos nesta etapa do projeto.

Vamos juntas e juntos mergulhar nesta história?



Maria Mostafa é Historiadora, Doutora em Políticas Públicas e Formação Humana, e atuou como coordenadora do Narrativas de Paz.

EXPERIÊNCIA

O projeto se materializou no campo por meio de três grandes atividades. A mais longa foi a que aconteceu de abril a novembro de 2023. No período, houve a formação com as equipes de quatro instituições de educação infantil conveniadas com a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Em cada creche, a formação ganhou formatos diferentes, pois sempre foi uma premissa do projeto se adequar às possibilidades de cada instituição para viabilizar o trabalho de forma a não gerar muitas demandas à gestão. Participaram desta atividade: Casa Santa Marta, CEPAC e Mundo Infantil no Santa Marta, e Creche Cantinho Feliz em Santa Teresa. Em todas as creches o trabalho foi composto por uma articulação constante com a gestão (“acompanhamento”), e de encontros com as equipes (as “oficinas”). Entre gestão e equipes, 80 pessoas participaram da formação.

Outra atividade foi a articulação com as unidades de saúde dos dois territórios: a Clínica da Família Santa Marta e o Centro Municipal de Saúde Ernani Agrícola, que também aconteceu de abril a novembro de 2023.

Finalmente, em 2024, realizamos a última grande atividade do projeto: um curso online de 16 horas. Pudemos compartilhar com mais 37 educadores um pouco da metodologia e dos aprendizados deste ciclo do Narrativas.

1. Formação nas instituições de educação infantil

Casa Santa Marta

Flavia Samel

A Creche Casa Santa Marta é composta por 20 educadoras e três responsáveis pela gestão, com cinco salas, sendo duas de berçário e três de maternal, com 96 alunos ao todo. De início, ocorreram várias reuniões de planejamento com a gestão, seguidas de um primeiro encontro com toda a equipe para não só a apresentação da proposta do projeto, mas também construir os conteúdos de acordo com a realidade, interesse e questionamentos da equipe.

No mundo de hoje, com o excesso de informação e tarefas a serem cumpridas, as pessoas nos seus ambientes profissionais não trabalham com foco na criação de vínculos. Este tema foi discutido com as gestoras. Especialmente no ambiente da educação infantil, onde existem rotinas e desafios inerentes à quantidade de crianças a cuidar, as gestoras enfatizaram a falta de mais espaços para o grupo poder trocar experiências e se conhecer mais. Tal carência foi notada em outros espaços educativos – há um cansaço que se acumula durante o ano, sobretudo nas educadoras de auxiliares de sala de aula, pois elas ficam em contato direto com as crianças o dia inteiro.

Durante os encontros iniciais, outras questões estruturais foram mencionadas levando em conta as já conhecidas questões dos territórios de favela: o desafio para selecionar novas, preferencialmente da comunidade; e a exigência de conclusão do Ensino Médio para as auxiliares



Facilitadora Flavia com educadoras em atividade sobre identidade.



Educadoras em atividade sobre memórias da infância, na visita ao Jardim Botânico.



Educadoras em oficina Educação sem violência, durante atividade com a cartilha Lei Menino Bernardo.

de sala de aula, o que tornou mais difícil encontrar profissionais e provocou grande rotatividade de pessoas. Outro ponto de destaque é que muitas educadoras, por serem moradoras da mesma região, acabam tendo muita proximidade com as crianças e suas famílias. Isso pode ser uma vantagem, já que as educadoras conhecem as condições das famílias dessas crianças, mas, por outro lado, pode gerar uma confusão de papéis, afinal as relações entre adultos e crianças no ambiente da educação são bem diferentes das relações entre adultos e crianças em outros ambientes.

O desafio inicial foi encontrar um tempo regular mensal no qual todas as educadoras pudessem ficar juntas para participar dos encontros, de forma a não impactar a rotina da creche. Dessa maneira, além do acompanhamento com as gestoras em reuniões regulares pela manhã, construímos, para a equipe de educadoras, um modelo de três encontros mensais de uma hora cada, com a participação de sete a oito pessoas por encontro. Esse formato permitiu que os grupos fossem diferentes a cada encontro, ajudando na integração entre as educadoras que não conviviam o dia a dia na creche.

As gestoras, apesar de estarem comprometidas com o projeto, não conseguiram participar de todos os encontros, pois precisaram cobrir as educadoras que não eram da sala de aula para que estas pudessem participar. Porém, esse esforço teve um impacto transformador sobre tais educadoras: uma delas, da cozinha, participou ativamente do projeto e decidiu terminar seus estudos; outra disse que estar nos encontros do projeto foi uma oportunidade para conhecer mais a equipe da creche, já que seu trabalho era individual. Para compensar a



Educadoras em visita ao Jardim Botânico.



Educadoras em oficina sobre gênero durante a atividade Antimachismo.



Memórias de encontros do projeto e dos temas abordados.



Atividade de leitura de imagens e percepção visual.

menor participação da gestão nos encontros, durante as reuniões de acompanhamento foram compartilhadas algumas dinâmicas das oficinas (de forma adaptada) com as presentes.

Durante o ano, levantamos as experiências das educadoras com os três eixos do projeto: práticas antirracistas, questões de gênero e cultura de paz, na perspectiva de uma educação sem violência. Começamos as oficinas com questões que foram trazidas tanto no acompanhamento com a gestão quanto no primeiro encontro com a equipe, principalmente a questão da comunicação entre elas, ou seja, como conseguir ouvir e dar *feedback*. O processo de escuta e as maneiras de comunicar facilitam a convivência tanto na equipe como entre educadoras e as famílias das crianças da creche. Além disso, trabalhar a comunicação também facilitaria um debate mais aberto acerca de temas do projeto que estavam por vir, como a educação antirracista e a equidade de gênero.

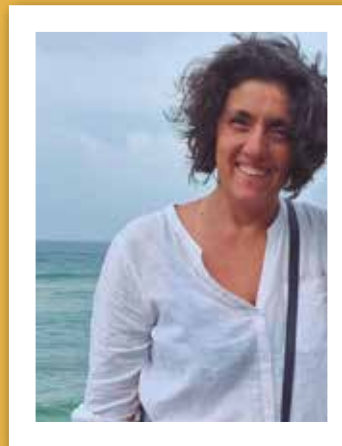
No meio do ano, quando fizemos uma roda de conversa para ouvir sobre o andamento do projeto, uma educadora compartilhou no grupo que *aprendemos a nos colocar mais em nossas falas e aprendemos a ouvir também, respeitando ideias e opiniões dos outros*, enquanto outra educadora trouxe um depoimento sobre o impacto que o projeto produziu na sua atuação com as crianças: *acrescentou ainda mais na comunicação em equipe e aprendemos a ouvir mais e a escutar as crianças*.

Como porta de entrada para os eixos "educação antirracista" e "equidade de gênero", buscamos fortalecer

a questão da identidade de cada educadora, por meio de espaços de reflexão sobre a importância das suas raízes culturais.

Olhando em retrospecto, vejo que talvez não tenhamos conseguido trabalhar com profundidade as práticas antirracistas, mas foi possível, através do olhar para as histórias pessoais das educadoras, fortalecer a discussão sobre uma educação sem violência, como também ampliar o olhar sobre as questões de gênero. Ao falar de sua história nos encontros, as educadoras não apenas expunham memórias boas e ruins, como ocorria ali uma reflexão individual na presença do grupo sobre as escolhas atuais, que são diferentes do que elas vivenciaram no passado. O poder da escuta em grupo sustentou os momentos difíceis que foram compartilhados, e esse foco na comunicação trouxe reflexões que reforçam a importância de se trabalhar com o fortalecimento de vínculos nos grupos de educadoras: *a fala também pode ser uma forma de agressão... da gente para a criança, mas acho que começa entre a gente. Como a gente lida uma com a outra dentro e fora da sala.*

Relatos como este me emocionam, pois atestam o envolvimento da equipe de gestão da creche com o projeto, mesmo diante de temas tão delicados. É gratificante ver a coragem da equipe inteira em se esforçar para manter os encontros regulares, mesmo sendo conversas difíceis de serem vivenciadas. A marca dessa etapa demonstra como ainda precisamos desconstruir nossa maneira de ver e agir com as pessoas, para então podermos construir uma nova maneira de sermos educadoras.



Flavia Fassi Samel é Educadora e Psicóloga, pós-graduada em Mediação de Conflitos, e foi a facilitadora referência na creche Casa Santa Marta.

CEPAC

Elisa Brazil

O CEPAC (Centro Educativo Padre Agostinho Castejón) é uma instituição de educação infantil filantrópica, localizada na comunidade Santa Marta, em Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro, e em 2024 completará dez anos de fundação. Para atender as 144 crianças matriculadas, e suas famílias, o CEPAC conta com uma equipe multiprofissional formada por gestoras, educadoras, educadores, assistente social e psicóloga. Existe uma longa relação da instituição com o território, relação esta construída em conjunto com outros equipamentos, como a Clínica da Família Santa Marta, todos com a perspectiva de um olhar integral da criança, realizando ações de saúde e educação.

O formato do nosso trabalho junto à equipe do CEPAC foi sendo construído ao longo do percurso. Inicialmente, os encontros semanais aconteceram com três educadoras articuladoras, que tinham a tarefa também de compartilhar nossas experiências com o restante da equipe. Com o avançar das ações e a possibilidade de novos combinados com a gestão, os encontros passaram a contar também com o grupo de professoras – que passaram a participar quinzenalmente, alternando com as articuladoras. Realizamos oficinas mensais com toda equipe de educadoras, incluindo participações da gestão, sempre que viável, diante das demandas que surgem como parte da dinâmica de uma instituição de educação infantil. Os horários foram articulados com a gestão, que se prontificou a organizar a equipe de modo a garantir os



Facilitadora Elisa em encontro quinzenal com educadoras e gestão.

momentos de formação, o que tornou possível a realização das atividades. Foi fundamental para que o projeto acontecesse o papel da gestão, tanto na organicidade da própria instituição – que já tinha em seu planejamento mensal tempos reservados de formação de sua equipe –, quanto na flexibilidade e disponibilidade de construir juntas outros espaços específicos para nossas formações.

Durante o ano, foram muitas as situações desafiadoras. Elas afetam direta e constantemente a vida das pessoas que vivem no território, como a falta de água, luz, violência bélica, incêndios, remoções, alagamentos com as fortes chuvas, muitas vezes causadas pela ausência de serviços básicos, de responsabilidade estadual. E foram nesses momentos que, mais uma vez, a parceria com a gestão e educadoras, a confiança e o desejo de fazer acontecer foram fundamentais para a construção de estratégias e flexibilização dos planejamentos necessários para manter os tempos e espaços possíveis para a realização dos encontros formativos. A princípio, foi desafiadora, muito importante e interessante a construção de diferentes alternativas de abordagens sobre as temáticas, de forma que fizesse sentido para o grupo, diverso e com especificidades, e que facilitasse o diálogo entre os pares.

Nos encontros de acompanhamento e formação foram produzidas memórias, conexões com as identidades, espaços de confiança, acolhimento, compartilhamento de saberes, aprendizagem afetiva e coletiva. Durante os



Atividade “Eu te amo”, em encontro mensal sobre o tema Educação sem violência.



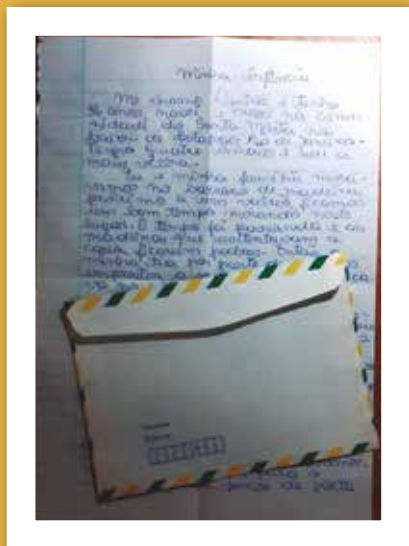
Encontro mensal com o tema “Bora nos escutar” e apresentação da facilitadora Fabricia.



Apresentação da educadora Lorena sobre Etnomatemática.



Oficina sobre Educação Antirracista no encontro mensal .



"Carta para minha infância" da educadora Denise.



"Mapa dos nossos tesouros - nossas origens".

Oficinas Cartilha Lei Menino Bernardo

A cultura de paz, tema transversal do projeto, também passa pela educação sem violência. Dessa forma, foi muito oportuna a parceria com a Rede Não Bata, Eduque que tem como missão "Desnaturalizar a prática dos castigos físicos e humilhantes como forma de educar e cuidar de crianças e adolescentes no meio familiar, escolar, comunitário, nos meios de comunicação tradicionais e nas mídias sociais". Ao longo do projeto, realizamos oficinas sobre a Cartilha Lei Menino Bernardo da Rede, tanto na formação nas creches como no curso online. Com exemplos práticos, as oficinas sobre a Cartilha dispararam a reflexão sobre as mudanças culturais nas formas de educar e a importância da promoção da educação sem violência, que é um direito das crianças.



Leitura de literatura infantil “Os Tesouros de Monifa”, de Sônia Rosa.



Encontro quinzenal com educadoras, assistindo ao vídeo TED “O Perigo de uma história única”, de Chimamanda Adichie.

momentos e fluxos, foram elaboradas cartas – sim... cartas escritas à mão! –, histórias, cartões, relatos, esculturas com massinhas, escuta, reflexões, autoavaliações, mudanças de comportamento, abraços e sorrisos sinceros. A família esteve presente nas conversas e trocas no olhar para as pessoas, durante e depois dos encontros de formação: famílias das crianças que estudam na instituição, famílias das educadoras e educadores. E como pessoas, todas e todos são passíveis de ações que não correspondem às expectativas do outro, o que não o torna o “outro lado”, o lado oposto. Algumas reflexões foram produzidas. Por exemplo, o quanto pode ser significativo as famílias serem sensibilizadas, escutadas, acolhidas, a partir também de suas experiências... e como isso pode ser proposto a partir da equipe, ou da instituição de educação, que conta com uma equipe de profissionais em constante processo de qualificação. Depois de uma das oficinas na qual abordamos a temática da Cultura de Paz, em que o exercício de escuta serviu também de inspiração, aconteceram ações com rodas de conversa envolvendo a equipe da instituição e as famílias com o tema: “A comunicação entre pais e filhos, preciosa forma de educar”.

É muito difícil selecionar um ou dois pontos para destacar do tanto que foi construído nessa caminhada... Porém, um deles diz respeito à forma como o grupo foi se fortalecendo, na escuta, no acolhimento, nas memórias e nas identificações com as vivências pessoais e profissionais. Fomos percebendo o quanto as vivências estão imbricadas, como fazem parte do olhar para si e para o outro, e afetam as formas das narrativas e ações, individuais e coletivas. Com a temática “equidade de gênero”,

a literatura infantil inspirou o grupo de professoras a realizar um processo de pesquisa e, para tal, fizeram um levantamento com referências de pessoas que estão onde querem, apesar das questões impostas pelos papéis de gênero criados socialmente. Uma das professoras falou da satisfação que teve em pesquisar, entrevistar – e do tanto que recebeu de volta da entrevistada, mãe de uma das crianças de sua sala e lutadora de jiu-jitsu. Esta mãe preparou um vídeo muito interessante, em termos de informação e visual, sobre sua trajetória na luta. A professora relatou que apresentou o vídeo para as crianças, falando sobre equidade de gênero (meninas e meninos podem fazer e ser o que quiserem), e a filha da entrevistada ficou surpresa e orgulhosa ao ver mãe de quimono... outras crianças também nunca tinham visto uma mulher de quimono de luta.

Um precioso destaque foi o processo de aproximação, escuta, diálogo e fortalecimento da discussão sobre a educação antirracista. Nesse processo, houve a construção de um momento de compartilhamento da pesquisa acadêmica de uma das educadoras, uma etnomatemática,¹ com o restante da equipe.

Por fim, este ano de trabalho conjunto, costurado por muitas mãos, desfeitas algumas carreiras no processo para abrir novas casas de botões diversos, trouxe muitas reflexões, mais perguntas – o que me parece significativo – trocas, aprendizados e um sentimento de caminho contínuo e coletivo. Quero deixar registrado meu agradecimento a toda a equipe do CEPAC, pela parceria e confiança, às crianças, famílias e comunidade.

1. Surgida na década de 1970, a etnomatemática é uma contraproposta ao ensino tradicional de matemática. Trata-se de um método de pesquisa e de ensino que cria condições para que o pesquisador reconheça e compreenda o modo como foi gerado um saber matemático, organizado e difundido dentro de determinados grupos culturais.



Elisa Brazil é Assistente Social, Especialista em Educação Infantil e Mestranda em Direitos Humanos e Políticas públicas, atuou como facilitadora do Narrativas de Paz, e foi a facilitadora referência no CEPAC.

Mundo Infantil

Fabricia do Nascimento

Com sorrisos, boas vibrações e com compromisso ético e político, iniciei no projeto Narrativas de Paz. E foi assim, narrando com sorrisos, lágrimas, olhares, emoções, silêncios, escritas. Ouvindo, narrando de corpo e alma que o percurso do projeto foi se constituindo e se ampliando na creche Mundo Infantil, em mim e nos caminhos de subida e descida da estação três do bondinho do Santa Marta, em Botafogo. Estávamos em processo de “contação”, de narratividade de nossas e de outras histórias e tantas memórias.

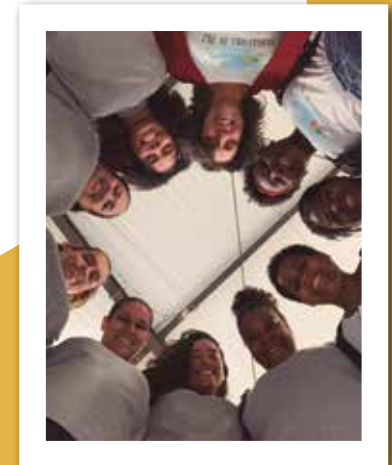
Nesta construção, o projeto apresenta os três eixos que dialogam entre si e embasa o princípio educativo e emancipador para a educação e sociedade: cultura de paz, equidade de gênero e educação antirracista. A educação infantil foi casa-abrigo do projeto Narrativas, encontramos receptividade, educadoras e crianças cheias de vida! E foi nessa ciranda de energia, com mãos dadas e pisadas firmes e constantes que conhecemos a creche.

A Creche Comunitária Mundo Infantil foi pensada e construída por mulheres da comunidade. Conta com 14 profissionais da educação desempenhando as funções de: direção, auxiliar administrativo, auxiliar de serviços gerais, educadoras, auxiliar de creche, merendeira e coordenação pedagógica. Na creche há 60 crianças matriculadas.

Os encontros semanais com e na creche possibilitaram que os laços de afeto e cuidado se estreitassem. Mensalmente acontecia o encontro de formação com to-



Facilitadora Fabricia em encontro com educadoras na creche Mundo Infantil.

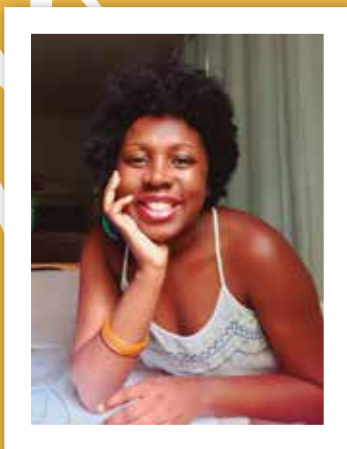


Visita à exposição "Heitor dos Prazeres é meu nome", no CCBB Centro Cultural Banco do Brasil.



Encontros com as educadoras na creche Mundo Infantil.

Fabírcia do Nascimento é Educadora Popular licenciada em Educação do Campo, Especialista em Educação de Jovens e Adultos, Especialista em Educação Tecnológica, Mestra em Educação pela UFRRJ/PPGEDUC e foi a facilitadora referênciada na creche Mundo Infantil.



das as educadoras versando sobre temas diversos porque a educação é diversa. Na formação, todas as profissionais da creche são vistas e tratadas como educadoras porque entendemos que todo trabalho feito ali pelos profissionais é educativo. A cada encontro formativo de duas horas pensamos e refletimos sobre: formas de cuidados, a identificação de termos racistas e machistas, algumas alternativas antirracistas e antimachistas na educação, a cultura da violência na educação infantil, o exercício das narrativas de paz e a compreensão do que seja democracia.

Foi refletindo juntas na creche que trouxemos nossas narrativas sobre a violência policial, o acesso à saúde, saneamento básico, acesso à água – um bem comum –, dentre outros temas.

O projeto possibilitou uma atividade externa realizada no CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil) em julho de 2023. Nesta atividade, as educadoras e eu, facilitadora, participamos da exposição do compositor, cantor e pintor Heitor dos Prazeres. A exposição retratava nossa gente! Gente que canta, samba, sorri, recria, olha para cima e inventa alternativas para bem viver. As ações dos acompanhamentos semanais foram de resgate dos fios da memória de nossas histórias para refletir o momento atual.

Posso dizer que o projeto teve muitos impactos. Primeiramente em mim, porque na condição de facilitadora pude conhecer outras realidades e dialogar com profissionais de educação infantil e interseccionalizar raça, gênero, território, educação e democracia.

Cantinho Feliz

Soraia Melo

A Creche Cantinho Feliz é uma das mais antigas parcerias do projeto Narrativas de Paz. Em 2018, a gestão da creche com o Instituto Trilho procurou o CECIP para pensar uma parceria para a formação dos educadores. Esse namoro nasceu assim e seguiu por cada etapa e fase do projeto por mais de cinco anos.

A creche fica no alto de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, muitas famílias chegam caminhando, de bonde e de moto. É composta por 20 educadoras e educadores que ocupam diferentes funções na creche, como coordenação, direção, limpeza, recepção, cozinha e salas de aula. Atende cem crianças e é um espaço de educação muito disputado pelas famílias do entorno, que se mantêm o quanto possível vinculadas à instituição.

Por já termos uma relação aproximada com a Cantinho Feliz, em 2023 iniciamos os encontros em abril no mesmo formato dos anos anteriores, com reuniões mensais de três horas de duração e com a participação de toda a equipe e gestão.

Os encontros na Cantinho tinham um clima de reencontro com muitos abraços e atualizações da vida de cada um. Sobrevivemos a uma pandemia juntos, o que nos fez mais próximos; falamos e lidamos com o medo em muitas camadas e isso também colaborou para que os temas complexos propostos como conteúdos para 2023 – equidade de gênero, educação antirracista e cultura de paz – fossem abordados com afeto e proximidade.



Facilitadora Soraia com o grupo de educadoras e educadores em atividade sobre a memória dos encontros realizados em 2023.

Plano Municipal da Primeira Infância (PMPI) do Rio de Janeiro

Em paralelo ao trabalho de formação, a equipe do projeto integrou, como representante do CECIP, o Grupo de Trabalho da revisão do PMPI do Rio de Janeiro. O CECIP participou da elaboração do plano junto ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente em 2013, e de lá para cá vem, com outras organizações da sociedade civil, fazendo um trabalho de incidência para sua implementação e monitoramento. Atuando principalmente na reflexão sobre a participação das crianças, em 2023 a facilitadora Soraia Melo conduziu, em parceria com as Redes da Maré, uma escuta de crianças na Obra do Berço, instituição de acolhimento institucional e educação. Essa escuta integra os documentos para a revisão do PMPI.



Oficina com Ana Bispo no mês da Consciência Negra.



Contação de histórias com Macedo Griot.

Desde o primeiro encontro do ano, experimentamos abrir nossas caixas com memórias e vivências de preconceitos e desejos de mudança de comportamento. A primeira dinâmica de 2023 nos apresentou uma creche corajosa que tem um homem, negro e homossexual como educador, referência para toda a escola por seu conhecimento e resiliência.

Os encontros de formação foram como trilhas que nos levaram a muitos lugares e este também foi um pedido feito pela equipe, ou seja, que junto com o Narrativas pudéssemos explorar além dos muros da escola. Assim, além de percorrer os caminhos da memória dentro do espaço escolar, fomos em grupo ao CRAB (Centro de Referência da Arte Brasileira) e nos emocionamos ao perceber o quanto a arte brasileira tem em suas raízes a força e a beleza do povo nordestino, e em como boa parte da equipe da Cantinho Feliz é de origem nordestina. Foi um encontro que nos permitiu experimentar, observar, admirar e criar novos repertórios.

Em julho, os caminhos da memória ancestral nos levaram para a Pequena África, uma caminhada sem roteiro, na qual fomos descobrindo juntos a história que nos antecede. As mulheres negras grafitadas nas paredes da Pedra do Sal viraram composição nas fotografias das mulheres negras que trabalham e educam na Creche Cantinho Feliz.

A saída cultural colaborou para a reflexão avaliativa do mês seguinte, em que puderam observar o quanto as práticas antirracistas são necessárias em todo o fazer pedagógico, e que não é possível dissociar o que as crianças vivem em suas casas do que experimentam na creche.



Homenagem com bolo personalizado no dia dos professores.



Visita à Pequena África.



Visita ao CRAB Sebrae - Centro de Referência do Artesanato Brasileiro.

Soraia Melo é Jornalista, Mestre em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas e foi a facilitadora referência na creche Cantinho Feliz



Vale dizer que nem sempre foram felizes e tranquilos, alguns encontros geraram desconfortos, discordâncias, conflitos que nos apresentaram oportunidades de aprendizado e de revisitar escolhas no planejamento, na execução e até mesmo na avaliação do projeto.

Se o planejamento de cada encontro era construído com escuta e com afeto, chegou um momento, em setembro, que o grupo queria música, queria ser abraçado e acolhido pela força e influência afro-brasileira. Para tal, contamos com o apoio da pesquisadora, cantora e educadora Ana Bispo, já conhecida do grupo. Houve um momento em que não teve quem ficasse com os braços cruzados, sorriso cerrado e sem balançar o corpo e o coração. Foi emocionante!

E a emoção segue guiando os passos e as memórias de encontros e aprendizados entre a Creche Cantinho Feliz e o projeto Narrativas de Paz; entre a equipe e entre mim – a facilitadora Sol – que agora é recepcionada como mãe da Dora de 5 anos. Como mãe de uma criança da creche, experimento no cotidiano ser acolhida por uma equipe dedicada e comprometida em transformar a educação de crianças na primeira infância, e de suas famílias, famílias que se sentem presenteadas por fazer parte de uma creche que também é um cantinho feliz.

2. Unidades de Saúde

As etapas anteriores do Narrativas de Paz foram realizadas com a parceria do Centro Municipal de Saúde Ernani Agrícola, em Santa Teresa, como ponto de partida para as outras articulações no território. Os resultados dessa parceria nos indicaram que para propor projetos que promovam a primeira infância no território é fundamental manter um diálogo com os profissionais de saúde que atendem as crianças e suas famílias. Assim, ao planejarmos a terceira etapa do projeto, ainda que o foco das ações fosse na educação e não mais na saúde, decidimos dar continuidade a algumas atividades de articulação com as unidades de saúde dos dois territórios em que atuamos, como forma de manter esse olhar para a promoção da primeira infância, uma vez que passa pelo viés comunitário.

A partir da compreensão da relação entre as unidades de saúde e as instituições de educação infantil participantes do projeto em 2023, propusemos ações de articulação entre a saúde e educação nos temas do projeto. Nas duas unidades, o trabalho se desenvolveu principalmente com as equipes da Estratégia Saúde da Família que atendem os territórios das creches que fizeram parte do projeto, sendo elas: equipe Bondinho no CMS Ernani Agrícola e equipes Pioneiros e Zumbi na Clínica da Família do Santa Marta.



Nas fotos acima, a facilitadora Soraia em encontros com os profissionais de saúde do CMS Ernani Agrícola, no bairro de Santa Teresa.



Encontro da facilitadora Fabricia com os profissionais de saúde do CF Santa Marta.



Grupo do CF Santa Marta com as facilitadoras Elisa, Fabricia e Flavia.

Foram feitas algumas reuniões de articulação, algumas oficinas e participações pontuais nas atividades das creches. No Santa Marta, por exemplo, a facilitadora referência da creche Mundo Infantil, Fabricia do Nascimento, colaborou no planejamento e execução de uma atividade de promoção da saúde na instituição – ela fez a leitura do livro *Eu sou assim e vou te mostrar*, sobre o corpo humano escrito por Heinz Janisch e ilustrado por Birit Antoni. Para isso, levou uma boneca negra para conversar com as crianças sobre “corpo”.

Nas reuniões e atividades realizadas, ficou evidente a necessidade de tecer um diálogo sobre relações étnico-raciais diretamente com as e os profissionais de saúde, afinal, como planejar ações conjuntas nesse tema sem estarmos alinhados na perspectiva de atuação antirracista? A partir desse aprendizado, realizamos uma oficina sobre racismo em cada uma das unidades no mês da Consciência Negra, com o recorte das expressões de linguagem racistas.

As oficinas foram bem recebidas e encerraram com essa atividade o percurso nas unidades de saúde. Com muitas falas de perplexidade ao descobrirem a origem racista de algumas expressões da nossa língua, percebemos que há um campo para dar continuidade ao trabalho sobre racismo com esses profissionais, que são também educadoras e educadores no seu fazer e podem ser agentes de mudança e promoção da equidade na primeira infância. Alguns depoimentos durante a avaliação dos encontros foram:

“ O que mais gostei foi conhecer o significado das palavras que eu usava no meu dia a dia sem saber. O peso que elas tinham, agora, com a experiência, posso mudar meu vocabulário e substituir palavras, de certo modo falar até com outras pessoas sobre esse assunto. ”

“ Gostei de saber as origens das palavras, dos debates e experiências das pessoas. Incomodou saber que falamos palavras sem entender o significado e não saber que falo palavras que não entendia que eram racistas. ”

“ Há alguns anos atrás talvez eu não ficasse incomodada com algumas palavras. ”

“ A oficina me trouxe questionamentos internos, onde o que aprendemos será uma base daqui pra frente. Por mais que o racismo esteja em nosso cotidiano, a informação nos ajuda a sermos pessoas melhores, a pensar antes de falar. Amei a oficina. ”



Nas duas fotos acima, encontro com o grupo do CF Santa Marta.

3. Curso online Experimentando Narrativas de Paz e Diversidades na Educação Infantil

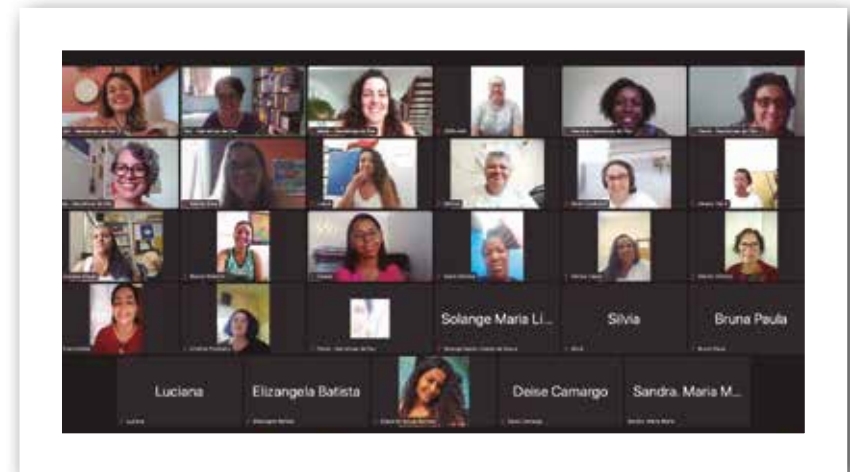
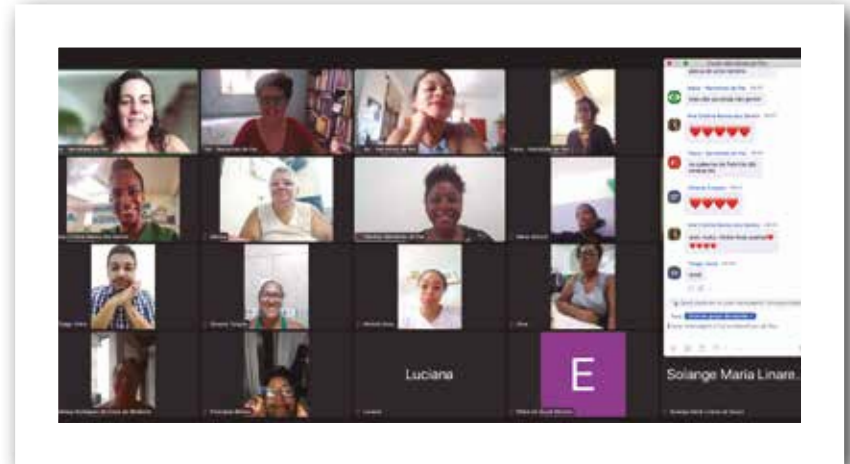
Como estratégia para oferecer a formação do Narrativas de Paz para profissionais da educação infantil de outras regiões da cidade, durante os meses de fevereiro e março de 2024 realizamos um curso online com carga horária de 16 horas. O curso Experimentando narrativas de paz e diversidades na educação infantil contou com um público de 37 participantes, os quais puderam vivenciar um pouco das metodologias e atividades do projeto. O curso foi composto por quatro encontros, o primeiro de apresentação, seguido por três módulos: educação antirracista, equidade de gênero e cultura de paz. Entre os encontros, as participantes e os participantes foram convidados a realizar algumas atividades como forma de ampliar a reflexão sobre os temas trabalhados.

Os conteúdos do curso foram baseados em textos, vídeos e outros materiais de especialistas e organizações que se dedicam à promoção da equidade no Brasil. As atividades desenvolvidas com base nesses conteúdos são resultado do percurso do projeto, que de 2019 a 2024 pôde desenvolver e amadurecer metodologias de facilitação presenciais e remotas. As atividades fazem parte do “Caderno de atividades” desta publicação.

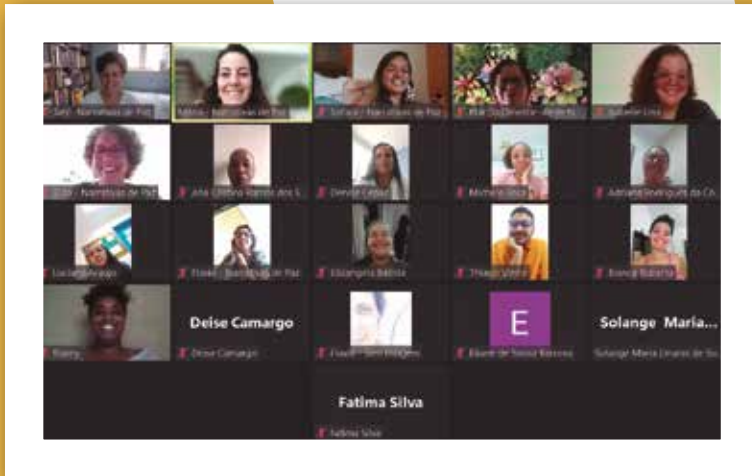
Após o encerramento do curso, 22 participantes responderam a um questionário de avaliação. De acordo com a análise feita pela consultora de avaliação do projeto, Verena Dolabella, a maioria dos respondentes afirmaram ter ficado interessados em estudar mais sobre os temas trabalhados – um ótimo resultado, já que o curso foi uma iniciativa pontual para apresentar os temas –, o que demonstra haver interesse e espaço para a formação de profissionais da educação infantil em relações étnico-raciais, questões de gênero e cultura de paz.

Ainda de acordo com o questionário, 68% das e dos respondentes afirmaram que se sentiam prontas e prontos para aplicar o conhecimento adquirido. Sobre esse ponto, a educadora Mônica Bonafé Silva, da Creche Santa Mônica, relatou que já estava aplicando o que foi trabalhado no curso, tanto em sala de aula quanto nas reuniões pedagógicas. Relatou:

“ A música Maria Maria [atividade do módulo de equidade de gênero] foi ouvida pelos meus pequenos; vimos figuras em revistas e jornais para ressaltar nossas diferenças e observar a diversidade entre nós. Proporcionando a visão de que o estereótipo ideal criado pela sociedade não é a realidade, que a beleza não é de um único formato ou cor. As temáticas do curso serão pauta da nossa próxima reunião pedagógica. Sei que não sou nenhuma expert nesses assuntos, mas quero oportunizar aos meus colegas essa centelha de esperança e mudança na educação. ”



No questionário de avaliação havia uma pergunta sobre o que foi mais marcante no curso. As respostas abrangeram a importância dos temas e a qualidade da facilitação. Eis algumas delas:



“ Me senti acolhida, as falas eram de fácil entendimento e as trocas afetuosas. ”

“ O que mais me marcou nos encontros foram todos os temas abordados que são de grande importância na área da educação. Além é claro, do acolhimento de todas as facilitadoras. ”

“ Apreciei a forma didática e empática com que a equipe conduziu o curso. ”

“ Os vídeos foram ricos e provocadores. As reflexões registradas no mural trazem depoimentos emocionantes e reafirmam a necessidade de falarmos cada vez mais sobre educação e cultura de paz de uma maneira abrangente. ”

Uma palavra que represente o que ficou da troca no grupo:
45 respostas



COMUNICAÇÃO VISUAL

Tatiana Martins

A comunicação visual foi implementada no projeto Narrativas de Paz em 2020, como apoio às maneiras de comunicar já aplicadas desde seu início, em 2019. Deu-se a partir do processo de escuta das demandas e necessidades de cada instituição e de cada grupo participante. Desde então, a equipe vem pensando de maneira coletiva sobre formas e possibilidades de desenvolver a comunicação nos encontros, oficinas, eventos remotos e presenciais, síncronos e assíncronos, por meio da criação visual.

Mais do que dar visibilidade e acompanhar as ações desenvolvidas no projeto, expressando resultados por meio da publicação de notícias nos meios digitais, a criação de materiais visuais específicos fez parte do desenvolvimento e da aplicação da metodologia das formações. Ao longo da realização do projeto, a organização visual serviu de apoio na compreensão dos temas abordados e no acompanhamento dos profissionais participantes da educação infantil e da saúde.

O website, criado em 2020 com a finalidade de apresentar o projeto e acompanhar as ações, ganhou novas páginas no primeiro semestre de 2024, com informações e materiais de apoio do curso Experimentando narrativas de paz e diversidades na educação infantil. Na etapa realizada entre 2023 e 2024, as estratégias de comunicação visual seguiram tendo como tema e inspiração a primeira infância e a cultura de paz, dessa vez valorizando os temas da diversidade, da educação antirracista, da equidade de gênero.



Tatiana Martins é artista visual, especialista em Projetos Digitais, Mestra em Museologia e atuou na comunicação do projeto.



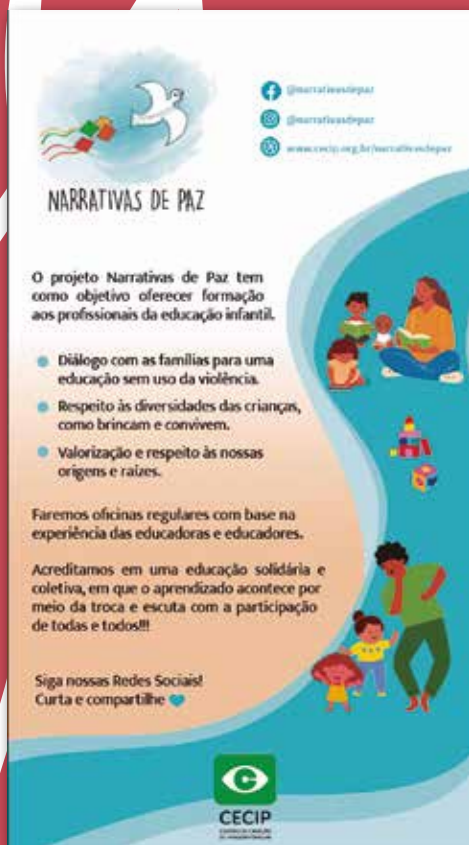
Página do curso no website do projeto.



Caderno de atividades digital do curso online.



Ecobag para educadoras, educadores e profissionais da saúde participantes do projeto.



NARRATIVAS DE PAZ

[@narrativasde paz](#)
[@narrativasde paz](#)
www.cecip.org.br/narrativasde paz

O projeto Narrativas de Paz tem como objetivo oferecer formação aos profissionais da educação infantil.

- Diálogo com as famílias para uma educação sem uso da violência.
- Respeito às diversidades das crianças, como brincam e convivem.
- Valorização e respeito às nossas origens e raízes.

Faremos oficinas regulares com base na experiência das educadoras e educadores.

Acreditamos em uma educação solidária e coletiva, em que o aprendizado acontece por meio da troca e escuta com a participação de todas e todos!!!

Siga nossas Redes Sociais!
Curta e compartilhe

CECIP
CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO PARANÁ



NARRATIVAS de PAZ 2023

ABRIL	MARÇO	JUNHO
MARÇO	AGOSTO	SETEMBRO
OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO

[@narrativasde paz](#)
[@narrativasde paz](#)
www.cecip.org.br/narrativasde paz

CECIP
CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO PARANÁ

Confecção de banners:

1. Ao lado, banner de apresentação do projeto às famílias das crianças usuárias das creches; 2. Acima, banner para registro e memória dos encontros do projeto - registros dos participantes do CEPAC.



NARRATIVAS DE PAZ
Convida para um encontro musical entre Brasil e África
COM ANA BISPO
dia 29 de setembro das 14h às 17h

NARRATIVAS DE PAZ
Vamos ao Jardim Botânico!
Leve: sua garrafinha, compromisso de residência, repelente e toalha para piquê
04 de outubro
Saída da creche: (7h30 e retorno 15h30)
Picnic

NARRATIVAS DE PAZ
Convida professoras e auxiliares para a oficina sobre ESCUTA
dia 28 de setembro das 15h30 às 17h

NARRATIVAS DE PAZ
Convida para a oficina Mapeando nossos tesouros
dia 28 de setembro das 17h às 19h

O Narrativas de Paz parabeniza as equipes de educadoras e educadores das creches parceiras!
FELIZ DIA DOS PROFESSORES!

Busque informações e experiências sobre Cultura de Paz nas publicações do CECIP
www.cecip.org.br/narrativasde paz

CECIP
CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO PARANÁ

Cards digitais para facilitar a comunicação com os participantes do projeto.



CMSEA 80 anos de saúde!

Criação de materiais para a comemoração dos 80 anos do CMS Ernani Agrícola: camiseta, pins e faixa para a fachada do prédio.



Moldura para fotos confeccionada para o evento de encerramento de 2023.



Cards para o dia Internacional da Família, quando postamos nas redes sociais do projeto algumas das configurações da diversidade que é maioria na sociedade brasileira.

AVALIAÇÃO DO PROJETO



AVALIAÇÃO DO PROJETO

Verena Dolabella e Tayná Mendes

A avaliação da edição de 2023 do Projeto Narrativas de Paz contou com dois princípios: participação e oralidade. A ideia era dialogar com o Projeto e com o CECIP, que tem como identidade trazer metodologias que consideram os contextos, sempre com diálogo e adaptação. Para isso, fez-se importante pensar em uma dinâmica de avaliação participativa que não existisse por si só, como um corpo separado do projeto. A proposta foi pensar em uma abordagem que pudesse caminhar ao lado desse fazer, acessando e absorvendo os aprendizados da equipe e histórias trazidas pelos participantes. A seguir, falaremos um pouco desses princípios até chegar aos resultados e recomendações.

1. Participação: aprendizados da Equipe

Quando pensamos em avaliação participativa, estamos falando, sobretudo, em considerar os aprendizados que a própria equipe vem acumulando durante os quase cinco anos de implementação do projeto. Durante nossas primeiras reuniões de planejamento, mapeamos aquilo que ainda desejávamos aprender em relação ao “*E depois?*”. A equipe já trazia aprendizados sobre sua forma de trabalho, mas gostaria de se aprofundar na materiali-

dade da experiência, nos desdobramentos que a formação pudesse ter trazido por meio de ações concretas na sala de aula e no ambiente escolar.

2. Oralidade: metodologia Colheita de Sentidos

O mapeamento de *ações concretas* passa a ser o objetivo principal da avaliação. E, para isso, foi preciso adotar uma metodologia capaz de coletar narrativas inteiras, que considerasse a oralidade como ponto de partida, abrindo espaço para que esses educadores trouxessem suas próprias histórias. A metodologia Colheita de Sentidos parte da seleção de uma *amostra representativa* de educadores que expõem suas *narrativas e histórias* vinculadas ao projeto (positivas e negativas). Essas narrativas vieram de maneira espontânea dos participantes quando perguntados: “*Você tem alguma história/vivência na creche que lhe remete à formação do projeto Narrativas de Paz?*”²

2. Resultados da primeira rodada de depoimentos, coletados de maneira espontânea (Depoimentos 1). Os dados da segunda rodada, estimulada (Depoimentos 2), podem ser encontrados no detalhamento do relatório.

Após a colheita das Narrativas, fez-se o exercício de categorizá-las em dimensões, para entender quais os principais eixos enfatizados pelos participantes. As dimensões finais foram:

Mudança de atitude coletiva

Mudança de Prática com as Crianças/Famílias

Mudança de Prática em Equipe

Ampliação de conhecimento

Mais Conhecimento sobre o Tema

Mudança de atitude individual

Valorização Profissional

Autoconhecimento

Mudança de Prática Negativa

3. Resultados

Ao analisar as creches participantes do projeto, torna-se evidente a singularidade de cada contexto e como a influência do projeto se expressa de maneiras distintas em cada uma delas. No relatório detalhado de Avaliação, é possível se aprofundar em cada contexto individualmente. A seguir apresentaremos os resultados de forma homogeneizada.

61% dos participantes trazem narrativas que refletem Mudanças de Atitudes Coletivas:

38% práticas relacionadas à equipe

23% práticas relacionadas a crianças e famílias

17% dos participantes trazem narrativas que refletem Ampliação do Conhecimento

22% dos participantes trazem narrativas que refletem Mudanças de Atitudes Individuais:

13% relacionadas a Autoconhecimento

9% relacionadas à Valorização Profissional

O que significa Mudanças de Práticas Coletivas?	Por que isso é importante?
“passei a acessar rede de apoio em momentos de estresse com as crianças”	Acessar a rede de apoio e reconhecer limitações emocionais como educador garantem um cuidado mais paciente e amoroso, principalmente em momentos de extremo cansaço – comum no trato de crianças pequenas
“passei a dar mais espaço para as pessoas tímidas falarem”	Educadores que têm fala dominante, ao dar mais espaço de fala para os mais tímidos possibilitam que esses se sintam mais valorizados e exerçam melhor seu trabalho, e assim possibilitam o melhor cuidado das crianças
“Passei a refletir e ter atitudes mais flexíveis , com o atraso das crianças, por exemplo... porque a creche pode representar a única possibilidade de a criança ter alimento, de conviver com outras crianças, ter atenção.”	Educadoras com uma postura de mais acolhimento com as famílias criam mais espaços de confiança e desenvolvem um sentido de comunidade entre família/escola. Ampliam-se as possibilidades de conversas sobre desafios e aprendizados coletivos.
“tive um entendimento de trabalho em rede com as colegas”	Educadoras com mais confiança em sua equipe de trabalho conseguem reconhecer suas limitações e se complementar no cuidado e educação das crianças.

O que significa Ampliação do Conhecimento?	Por que isso é importante?
“...trouxe a oportunidade de refletir e escutar, entender melhor a perspectiva de quem passa por situações de racismo , por exemplo”	Entender o lugar do outro, como um primeiro passo para ampliar perspectivas e conhecimentos, aperfeiçoando-se pessoal e profissionalmente.

O que significa Mudanças de Atitudes Individuais?	Por que isso é importante?
“Passei a me entender enquanto mulher negra a partir do projeto e das temáticas raciais que apareceram nos encontros; que antes, não se reconhecia ”	Valorizar a própria cor, valorizar a cultura negra, aumento de autoestima é um primeiro passo para trabalhar esses aspectos também com as crianças.
“entendimento do porquê estou aqui , um trabalho muito maior do que parece”	Aumentou a consciência coletiva , dos funcionários como um todo, de que a creche é um direito da criança .

4. Outros aprendizados: boas práticas e desafios

As boas práticas passam pelo aumento da diversidade na equipe do projeto, vista como muito positiva, tanto pela própria equipe quanto pelos participantes. Há, na equipe, a consciência latente da necessidade de expansão da diversidade, que possa trazer mais vivências e territórios para somar no quadro de formadoras e coordenação.

O Projeto é totalmente adaptado ao contexto, respeita os horários de disponibilidade de cada creche e constrói temas para serem abordados de forma coletiva pelas equipes pedagógicas. Esta prática é vista de maneira muito positiva pela comunidade educadora, que enxerga a organização como parceira em todos os sentidos.

Outra boa prática do projeto é a integração de todos os profissionais na formação, como os da cozinha e limpeza. Fica evidente que o projeto considera todo o ecossistema do espaço de educação, entendendo a relevância de cada profissional que atua no contexto. Durante as entrevistas foi possível observar como esses profissionais estão integrados no trabalho de educação.

Percebe-se, no entanto, que os participantes veem o projeto como um “curso do CECIP”. A instituição é muito reconhecida e o nome do projeto pouco mencionado. Esta questão vai ao encontro da estratégia da própria instituição e da forma como a mesma se articula com o território. Há uma intencionalidade comum e um amadurecimento metodológico nos projetos do CECIP, desse modo assegurando sua relevância nos espaços em que ocupa.

Um aprendizado importante ressaltado pela equipe do projeto foi o modo de organização do trabalho em equipe. O CECIP, enquanto organização, prioriza formas colaborativas de trabalho, traz as decisões para debate e consenso da equipe. Contudo, tal processo pode se tornar pouco objetivo, o que prejudica prazos e cronogramas. Assim, aprendemos a dosar as sessões com mais autonomia de decisão para as educadoras, a fim de trazer mais fluidez ao trabalho.

5. Recomendações

1. Integração entre Teoria e Prática: A metodologia adotada pelo CECIP, que mistura aprendizado e aplicação no dia a dia, mostra-se eficaz em transformações orgânicas, ou seja, transformações significadas pela experiência de cada participante. Desafia-se os participantes a reconhecerem e valorizarem o conhecimento adquirido de maneira mais explícita: ou por colocar em prática as recomendações ou por testar abordagens objetivas, por exemplo. Sugere-se, portanto, uma adaptação *à forma como o conhecimento é comunicado* na tentativa de garantir uma compreensão mais consciente dos conceitos abordados e das suas implicações práticas. A construção de um *plano de ação coletiva*, por exemplo, poderia contribuir para um entendimento prático, relacionado à teoria. Outra sugestão seria a integração do Projeto Balaio de Livros à metodologia do Narrativas de Paz, já que foi muito citado como dimensão prática.

2. Temáticas Transversais: A abordagem transversal de questões como gênero e raça revelou-se uma escolha relevante, sendo mencionadas de forma indireta nas narrativas dos participantes. Há, contudo, dificuldade de nomear objetivamente essas temáticas. Se houver uma preocupação com tal demarcação, recomenda-se uma revisão na forma como essas temáticas são trabalhadas e comunicadas dentro do contexto do projeto, garantindo *mais compreensão de termos pelos envolvidos*, os quais poderão passar com mais facilidade o conhecimento adiante.

3. Importância de um estudo diagnóstico e desenvolvimento de objetivos de atuação para cada creche: é importante ressaltar a relevância de realizar um mapeamento prévio à implementação do projeto, a fim de obter um panorama inicial sobre o contexto e aspectos a serem trabalhados. Esse mapeamento prévio permitiria uma compreensão mais completa das necessidades e desafios específicos de cada contexto, proporcionando uma base sólida para a definição de metas e estratégias de intervenção. Dessa forma, a implementação do projeto poderia pensar em uma *intencionalidade específica* a ser trabalhada com cada grupo, o que facilitaria avaliar o alcance de objetivos em cada contexto ao invés de uma análise ampla e homogênea, como foi o caso.

4. Expansão do projeto com os responsáveis pelas crianças: uma recomendação vinda das próprias gestoras das creches seria a expansão do projeto para os responsáveis: *“Precisam passar pela experiência”*.

3. Muitas profissionais participaram da formação do projeto Balaio de Livros (projeto do CECIP) em outro contexto, mas ainda assim trouxeram a experiência nos seus relatos, uma vez que não desvinculam claramente um projeto do outro, vendo tudo como atuação do CECIP.

CADERNO DE ATIVIDADES



CADERNO DE ATIVIDADES

Grande parte do trabalho de formação realizado nesta etapa do Narrativas de Paz aconteceu por meio de atividades que foram desenvolvidas com os grupos de educadoras e educadores com os quais atuamos. Apresentamos aqui uma seleção dessas atividades – também conhecidas como “dinâmicas de grupo” – para compartilhar um pouco de nossa forma de fazer. As atividades podem ser replicadas, adaptadas e transformadas conforme a necessidade e o desejo dos grupos, ou somente servir de inspiração para quem quer desenvolver um trabalho de formação nas mesmas temáticas do projeto. Muitas atividades são baseadas em vídeos e textos de especialistas e artistas atuantes nesses temas, todos estão referenciados e assim organizadas: atividades de integração, educação antirracista, equidade de gênero e cultura de paz.

Atividades de
Integração

1. Título: Bola com perguntas

Objetivos: Descontrair e conhecer os participantes

Duração aproximada: 15 minutos

Materiais: uma bolinha de qualquer material

Passo a passo: Em círculo, a facilitadora pede para cada um do grupo pensar numa pergunta para conhecer o colega, como: Um sonho seu? Um desejo para esse ano? Uma música que você goste? Depois de alguns minutos, a facilitadora começa a brincadeira, escolhendo uma pessoa para fazer sua pergunta. Entrega (joga) a bola e faz a pergunta. Quem recebeu a bola responde à pergunta e escolhe outra pessoa para passar a bola e fazer sua pergunta, e assim sucessivamente, até que todas as pessoas (ou a maioria), perguntem e respondam.

2. Título: Mímica dos sentimentos

Objetivos: Quebra-gelo

Duração aproximada: 15 minutos

Materiais: papel cortado em tiras largas de acordo com a quantidade de participantes e caneta

Passo a passo: Em cada pedaço de papel a facilitadora vai escrever o nome de um sentimento e dobrar o papel para que não seja possível ver o que está escrito ali. Exemplo: raiva, calma, alegria, tristeza, medo, satisfação...Cada pessoa vai receber uma tira. Uma pessoa de cada vez vai colocar o papel na altura da testa para que todos leiam o que está escrito menos a própria pessoa. O restante do grupo precisa expressar com o corpo (sem falar) o sentimento ali escrito. A pessoa precisa adivinhar qual é.

3. Título: Boas-vindas com uma boa notícia

Objetivos: Iniciar a conversa, a partir da perspectiva de uma narrativa de paz que valorize uma notícia que traga alegria, motivos para celebrar ao invés de angústia e desesperança.

Duração aproximada: 15 minutos

Passo a passo: Solicitar que os participantes escrevam ou falem para o grupo o seu nome e uma boa notícia que queiram compartilhar ou/e celebrar no dia.

4. Título: Se eu fosse um sapato...

Objetivos: Colher percepções sobre o estado dos participantes na chegada e na saída do encontro

Duração aproximada: 5 minutos na chegada e 5 minutos na saída

Passo a passo: *Na abertura do encontro:* Em círculo, a facilitadora propõe: se conectando/pensando no seu nível de energia, se você escolhesse seu sapato conforme seu humor/energia, com que sapato estaria/está chegando para este encontro? A facilitadora pode dar alguns exemplos: está com um sapato apertado, confortável, um tênis, uma sandália? *No fechamento do encontro:* Em círculo, a facilitadora pergunta com qual sapato cada um está indo embora. É diferente do sapato com o qual chegou?

5. Título: Sobrenome brincadeira

Objetivos: Apresentação do grupo

Duração aproximada: 10 minutos, a depender da quantidade de participantes

Passo a passo: Cada pessoa do grupo se apresenta dizendo seu nome e como sobrenome diz uma brincadeira que gostava quando criança. Por exemplo: Elisa Bola de Gude, Maria Esconde-esconde, e assim por diante.

6. Título: Vai pro centro da roda quem...

Objetivos: Conhecer o grupo e criar conexões entre os participantes

Duração aproximada: 15 minutos

Passo a passo: A facilitadora pensa em perguntas aleatórias para fazer ao grupo. Por exemplo:

- Lava primeiro o cabelo no banho?
- Quem tem dois furos na orelha?
- Quem gosta de coentro?
- Quem ama acordar cedo?

Em meio às perguntas aleatórias, pode haver perguntas relacionadas ao tema que será trabalhado no encontro. Na hora da execução da atividade a facilitadora pede para todos ficarem em círculo e irem pro centro da roda ao se identificarem com a pergunta e começa: "Vai pro centro quem gosta de coentro".


7. Título: Eu te amo

Objetivos: Promover o reconhecimento das características e diferenças entre o grupo

Duração aproximada: 30 minutos

Materiais: cadeiras e música

Passo a passo: A brincadeira se parece com a dança das cadeiras. Os participantes sentam-se em círculo com uma cadeira a menos que o total de pessoas. Todos começam em pé e se sentam quando a música para. A pessoa que não conseguiu sentar (A) vai para o centro da roda e convida outra pessoa (B) para acompanhá-la. A pessoa (A) diz "Eu te amo"; a pessoa (B) pergunta "Por que você me ama?"; a pessoa (A) responde citando uma característica observável – por exemplo: "Eu te amo porque você tem cabelos curtos". Depois, todos os que compartilham características semelhantes àquela devem trocar de lugar. Quem ficar sem lugar para sentar reinicia a brincadeira, indo para o centro da roda e chamando outra para acompanhá-la.



Educação Antirracista

8. Título: Gráfico de Barras Humanas

Objetivos: Mapear atitudes antirracistas na instituição

Duração aproximada: 45 minutos

Materiais: Quatro folhas de papel, canetinha e fita adesiva

Passo a passo: Preparação do ambiente: cada folha de papel demarcará uma dentre as seguintes respostas: sempre, muitas vezes, poucas vezes e nunca. As folhas precisam ser pregadas lado a lado numa parede, de modo que ao fazer a pergunta os participantes possam ficar enfileirados na frente do papel que representa sua resposta. As filas de participantes ficam semelhante às barras de um gráfico. Essa é uma atividade que pode ser feita com qualquer tema, a depender das perguntas. Neste caso, as perguntas são sobre relações étnico-raciais nas instituições de educação infantil.

Exemplos de perguntas:

- No cotidiano da creche, já observou alguma fala ou atitude antirracista com as crianças? (contar quantos e pedir exemplos)
- O tema cor da pele e negritude já foi trabalhado com as crianças? (contar quantos e pedir exemplos)
- Alguma criança já demonstrou reconhecer sua negritude independentemente da cor de sua pele?
- Você conseguiria explicar o que é racismo estrutural? (contar quantos e pedir exemplos)
- O que você aprende sobre educação antirracista na creche interfere na sua vida pessoal? (contar quantos e pedir exemplos)

9. Título: Conversa sobre o vídeo *Trabalhando relações étnico-raciais na educação*

Objetivos: Contextualizar sobre a importância da educação antirracista e ampliar repertório

Duração aproximada: 30 minutos

Materiais: Qualquer dispositivo conectado à internet para reprodução de vídeo – pode ser no celular, computador, tablet.... O vídeo apresenta Clélia Rosa, no canal Geledés Instituto da Mulher no Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SAeh9zZnHww>.

Passo a passo: Exibir o vídeo e depois conversar sobre as experiências de cada participante com o tema e sobre como as relações étnico-raciais podem ser abordadas em sala de aula.

10. Título: Qual é a cor da sua história?

Objetivos: Sensibilizar para reflexão sobre origem e história, a partir das memórias e referências pessoais.

Duração aproximada: 45 minutos.

Materiais: Qualquer dispositivo conectado à internet para reprodução de vídeo – pode ser no celular, num computador, tablet. O vídeo se chama *Qual é a cor da sua história?* A cor da cultura e está disponível no Youtube, no Canal Futura. O link é: <https://www.youtube.com/watch?v=R-Qn18yRtUrA>

Disponibilizar papel, canetinhas, giz de cera e/ou massinha. Caso o encontro aconteça virtualmente, pedir com antecedência para que estejam com algum desses materiais no momento da atividade.

Passo a passo: Exibir o vídeo. Em seguida, perguntar: E você, qual é a cor da sua história? Qual a cor da sua cultura? O que vem na memória? Pedir para que representem a cor das suas histórias, das suas culturas, referenciando suas memórias das infâncias, através do desenho, da letra de uma música, de uma brincadeira, de um livro ou história, desenhando ou escrevendo no papel ou usando a massinha. Tempo sugerido: 5 a 10 minutos. Enquanto as participantes estiverem no momento de conexão e criação, colocar uma música ao fundo.

Ao final do tempo, de volta ao grupo, pedir para que mostrem suas memórias. Se for um encontro virtual, todos podem exibir simultaneamente suas criações formando um mosaico na tela, que pode ser registrado com uma foto e compartilhado posteriormente com o grupo. Caso o encontro seja presencial, o convite pode ser para que se forme um círculo e dentro dele sejam colocadas as memórias, formando uma mandala.

11. Título: **Conversa sobre “Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil”**

Objetivos: Debater e refletir sobre o texto “Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil”, da autora Azoilda Loretto de Trindade.

Duração aproximada: 60 minutos.

Materiais: Texto físico e/ou em PDF, tiras de papel colorido e canetinhas, Música.

Referência do texto: TRINDADE, Azoilda Loretto da. “Valores civilizatórios afro-brasileiros e Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira”. In: BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da (orgs.). *Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres (A cor da cultura*, v.5). Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. p.11-15. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/wp-content/uploads/2019/07/MODOSBRINCAR-WEB-CORRIGIDA.pdf>. Acesso em 23 de março de 2024.

Sugestão de música: Nara Couto - Linda e preta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xoajyoDnvQ4>

Espaço necessário: Que seja possível dividir o grupo em subgrupos

Passo a passo:

1. Contextualização: A partir da leitura, refletir com o grupo sobre como o texto dialoga com as práticas pedagógicas e ações cotidianas.
2. Em grupos menores: selecionar alguns trechos do texto para discussão. Cada grupo ficará com um fragmento do texto. Se o encontro for virtual, a facilitadora colocará no chat o trecho daquele grupo (quando já estiver na sala), e fará a leitura, junto com as participantes. Caso o encontro seja presencial, os grupos deverão se organizar no espaço, de forma que seja possível conversar separadamente. Em seguida, facilitar a conversa com objetivo de articular os valores civilizatórios com as memórias das infâncias dos participantes e suas práticas na vida adulta.
3. De volta ao grupo único: pedir para que escrevam uma ou duas palavras-síntese que represente o momento de reflexão. No ambiente virtual, pode ser por mensagem no “chat” da plataforma do encontro. No ambiente presencial, em tiras de papéis coloridos. Ao final será formada uma “nuvem de palavras”, na qual poderão ser observadas aquelas que se repetem e trazem características das reflexões do grupo sobre a temática proposta.
4. Enquanto os participantes escrevem suas palavras-síntese, a sugestão é de que seja colocada uma música, como, por exemplo *Linda e preta*, de Nara Couto, disponível no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=xoajyoDnvQ4>.

12. Título: **Do que falamos, escutamose reproduzimos?**

Objetivos: Refletir sobre expressões racistas utilizadas no cotidiano e iniciar um exercício de reflexão-ação para ampliar o repertório de atividades dos participantes.

Duração aproximada: 45 minutos.

Materiais: Para essa atividade precisaremos de um compilado de expressões racistas e de alternativas antirracistas. Como sugestão, podemos usar o “Dicionário de Expressões Antirracistas: e como eliminar as micro-agressões do cotidiano” publicado pela Defensoria Pública da Bahia, cuja pré-produção é permitida desde que citada a fonte. O dicionário pode ser impresso ou usado em PDF. Também precisaremos de um papel grande, canetinhas e fita crepe. Está disponível em: https://www.defensoria.ba.def.br/wp-content/uploads/2021/11/sanitize_191121-071539.pdf.

Passo a passo: A facilitadora irá mostrar as expressões racistas, uma por vez, ler o significado e abrir para a conversa, pedindo que os participantes compartilhem suas experiências. Em seguida, pede que todas e todos sugiram possibilidades de substituição, para o uso de uma expressão antirracista.

Equidade
de Gênero

13. Título: *Maria Maria*

Duração aproximada: 15 minutos

Objetivos: Sensibilizar o grupo para conversar sobre o lugar das mulheres na sociedade

Materiais: Vídeo com uma performance de mulheres a partir da música *Maria Maria* de Milton Nascimento, disponível no canal do Youtube do artista. Usando qualquer dispositivo eletrônico para exibir o vídeo, o link é: <https://www.youtube.com/watch?v=r1bBD4f3MT>.

Passo a passo: Exibir o vídeo e, ao final, pedir para todas e todos compartilharem o que sentiram com a música.

14. Título: Reflexão sobre Práticas Antimachistas

Objetivos: Reflexão sobre as experiências e fazeres que promovem práticas antimachistas.

Duração aproximada: 30 minutos.

Materiais: Para esta atividade usaremos:

- Guia Antimachismo no Trabalho, produzido por mulheres trabalhadoras do Ifood e disponível em: <https://cbic.org.br/wp-content/uploads/2022/01/guia-antimachismonotrabalho-1.pdf>
- Vídeo “Qual é o papel das mulheres na mudança dos homens? O silêncio dos homens.” Disponível no canal Papo de Homem no Youtube. Disponível em:

<https://youtu.be/lyl96lD1Md0?si=H5AE9rwT9NW5N-7XK>

Passo a passo: Selecionar algumas expressões da seção “palavras e expressões que você pode evitar” e da seção “palavras e expressões que mulheres podem incluir na rotina” do Guia Antimachista. As frases para evitar e incluir podem ser apresentadas ao mesmo tempo ou em dois momentos. Pode ser feito com todo grupo junto ou, caso necessário, em grupos menores. A facilitadora fará uma pergunta disparadora para facilitar a reflexão: *Que mensagens você recebeu na infância que dialoga com as frases? Quais frases você vivencia hoje na sua vida e no trabalho?* Ao final, fechar exibindo o vídeo *Qual é o papel das mulheres na mudança dos homens?* como inspiração

15. Título: Conversa sobre “Vivências escolares e relações de gênero na educação infantil”

Objetivos: Reflexão coletiva sobre as questões da equidade de gênero nas práticas da educação infantil.

Duração aproximada: 30 minutos.

Materiais: Artigo “Vivências escolares e relações de gênero na educação infantil”, de autoria de Jarlisse Nina Beserra da Silva, Ana Paula Almeida Ferreira, Maritania dos Santos Padilha, Jackson Ronie Sá-Silva. Sugestão de trecho: páginas 162 e 163. Papel e canetas.

Passo a passo: Com as pessoas em círculo, ler um trecho do texto para contextualizar a atividade. Após uma breve troca sobre como impactou a leitura desse trecho para o grupo, pedir para lembrarem de momentos do dia a dia na sua atuação na educação infantil, que converse com o tema “equidade de gênero”. Cada um escreve suas lembranças e reflexões no papel (ou no *chat* da plataforma se for online). Em seguida, a facilitadora posiciona os papéis pelo ambiente e pede para os participantes circularem e lerem em silêncio as contribuições de cada um. Como fechamento da atividade, pede para todas e todos comentarem sobre as experiências e reflexões do grupo.



Cultura
de Paz

16. Título: Eu não vejo o que você vê, o que fazemos?

Objetivos: Apoiar na comunicação entre as pessoas a partir das diferenças de percepção. Ampliar a reflexão sobre o que nos impede de falar o que pensamos e sentimos, e como lidamos com conflitos.

Duração aproximada: 30 minutos.

Materiais: Para essa atividade vamos precisar de alguma imagem que possibilite mais de uma interpretação. Nossa sugestão é que a facilitadora pesquise na internet por “figuras ambíguas” e selecione algumas imagens para trabalhar com o grupo. Além da imagem que pode ser impressa ou exibida num dispositivo eletrônico, no caso de ser um encontro presencial também precisaremos de papel pardo, canetas e fita crepe.

Organização do espaço: prender o papel pardo na parede com fita crepe

Passo a passo: O que você vê?

- Mostre a figura ambígua por 30 segundos e pergunte: o que você vê?
- Guarde a imagem e separe os participantes em subgrupos por afinidade de percepções.
- Mostre a imagem novamente por alguns segundos e pergunte: alguém agora vê algo que não era capaz de ver antes? Mude de grupo quem mudar de opinião.
- Guarde a imagem e pergunte: quem está certo? Como apoiamos quem vê diferente de nós? Como é ver algo que ninguém vê?
- Mostrar a imagem pela última vez: agora todo mundo vê?

Reflexão

- Em círculo, a facilitadora media a conversa a partir de algumas perguntas disparadoras:
- Como foram capazes de ver juntos? Como você fez isso?
- E em situações do dia a dia, se há diferentes posicionamentos, como conseguir ouvir as pessoas? O que me impede de falar o que penso e sinto quando há discordância? Como lidamos com essas situações?

Alguns exemplos para incentivar a troca de ideias:

- Você queria dizer algo a alguém e não conseguiu (uma relação de poder)?
- Você não gostou do que alguém disse ou fez (ou do que alguém não fez)?
- Você fez ou disse algo (ou não fez) que alguém não gostou?

17. Título: Como nos escutam?

Objetivo: Apoiar a comunicação entre as pessoas a partir de como nos escutam.

Duração aproximada: 45 minutos.

Materiais: Necessário ao menos duas pessoas fazendo a facilitação.

Passo a passo:

1. Separar o grupo em duplas. Na dupla, uma pessoa será a número 1 e a outra a número 2. Todos os números 1 são convidados a ficar na sala, enquanto os números 2 vão seguir outra facilitadora para outro ambiente. A facilitadora que ficou com grupo 1 orienta: A sua dupla voltará para essa sala e irá tentar te contar uma história, mas você não pode escutar. Podem conversar com outra pessoa, mexer no celular, fingir que está com sono, o que for preciso para não prestar atenção. A facilitadora que estará com o grupo 2 dará o seguinte comando: pensem numa história muito interessante para contar para sua dupla, pode ser real ou fictícia, mas precisa prender a atenção, pode ser uma fofoca, uma novela, algo que aconteceu com vocês... A facilitadora que está com o grupo 2 conduz as pessoas de volta para a sala principal e a dinâmica começa. É necessário aguardar ao menos cinco minutos antes de interromper as duplas.
2. As facilitadoras interrompem a conversa das duplas e pedem para que todas e todos fiquem em círculo. A primeira pergunta é para quem não foi escutado, que não sabia a orientação da dinâmica, o grupo 2. "Quem foi número 2? Como foi pra vocês?" Depois

a pergunta é para os números 1: "e pra vocês, como foi?" A revelação da orientação da dinâmica se dá nesse momento, em que os participantes que não escutaram vão poder compartilhar os sentimentos provocados pelo "não escutar".

3. Como encerramento, as facilitadoras sistematizam o que foi dito pelos dois grupos e conversam sobre a importância da escuta para a comunicação. O que acontece quando não nos sentimos escutados, ou quando não conseguimos escutar o outro?

18. Título: Antes e agora - experimentando uma educação sem violência, a partir da Cartilha Lei Menino Bernardo

Objetivos: Apresentar e compartilhar estratégias para uma educação sem violência.

Duração aproximada: 45 minutos.

Materiais: Cartilha da Lei Menino Bernardo impressa ou download no <https://bit.ly/cartilha-lei-menino-bernardo> Uma opção é fazer um cartão A4 com os cards que mostram o antes e o agora, quando se trata de optar por uma educação sem uso da violência.

Passo a passo: 1) Dividir o grupo para que tenha até dez pessoas em cada um; 2) Apresentar a cartilha e os *cards* que falam sobre o antes de uma educação sem violência e o agora; 3) Conversar sobre as estratégias para educar que estão representadas nas imagens "antes" e "agora", relacionando com temas transversais como equidade de gênero e educação antirracista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS





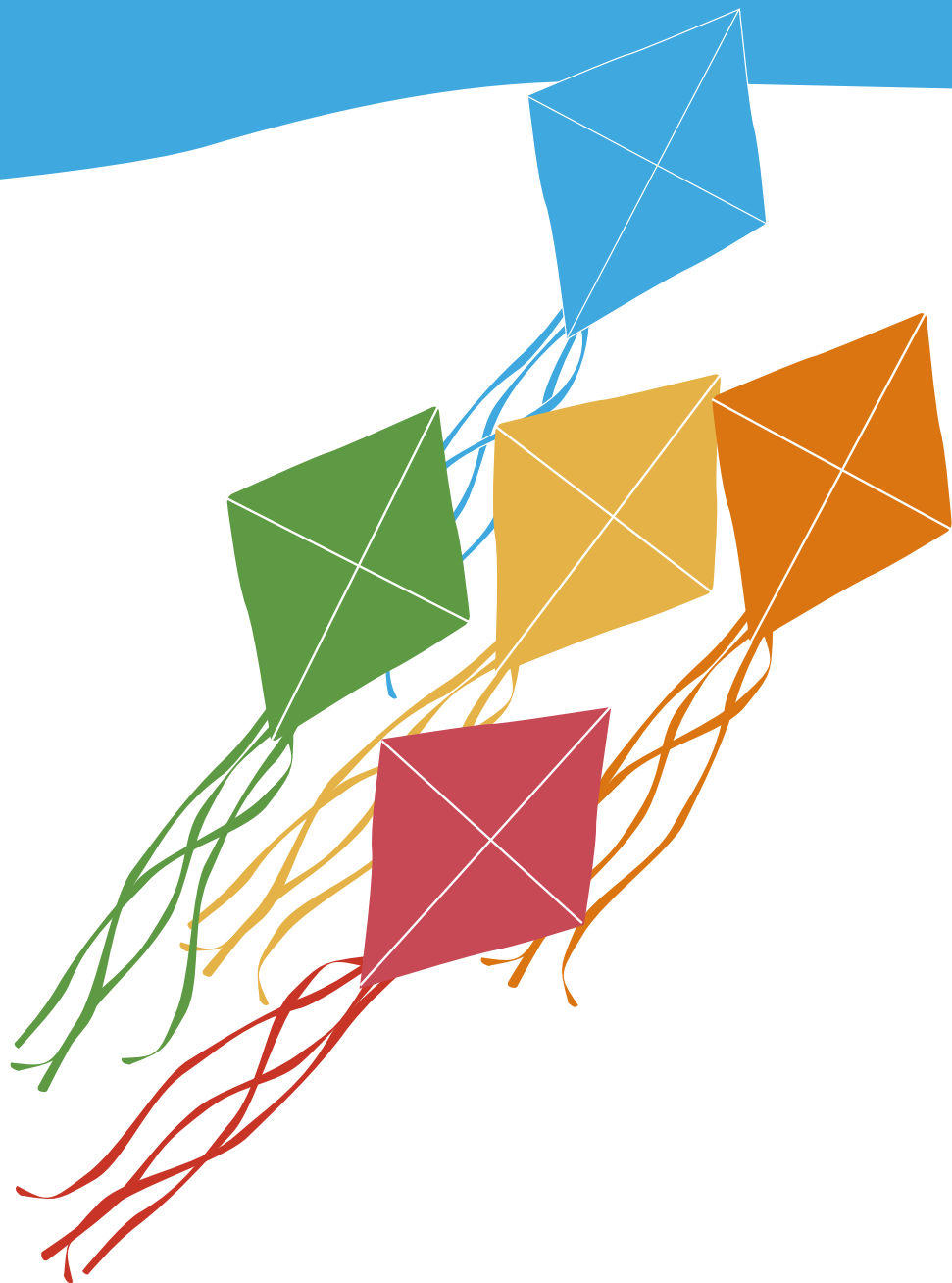
Equipe do projeto Narrativas de Paz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde 2019, quando o projeto teve início, até aqui, foram quase cinco anos de Narrativas de Paz na cidade do Rio de Janeiro. Acumulamos um manancial de experiências e emoções. Passamos por diferentes grupos, instituições, afetos e desafetos, porque somos da paz, mas nem só de amor vivemos. Nos vinculamos, em equipe e com todas essas pessoas que deram corpo e voz ao projeto. Choramos muitas vezes. Corremos os riscos que o conviver traz, sobrevivemos a uma pandemia e mudamos muito, afinal estar vivo é estar em movimento, já dizia a poeta.

Nessa última etapa, nos renovamos com as profissionais da educação infantil, mulheres em grande maioria, que nos receberam no seu trabalho e se colocaram disponíveis para se olharem junto conosco. Crescemos... todas.

Fechamos aqui essa história sem saber do futuro, mas certas de que fizemos, equipe e participantes, o plantio de sementes de pausa e reflexão sobre equidade que brotam em nós diariamente. Nos despedimos do Narrativas de Paz agradecidas pela oportunidade de trabalho, de amadurecimento e de luta por um mundo menos desigual para crianças e adultos.





NARRATIVAS DE PAZ



CECIP
CENTRO DE CRIAÇÃO
DE IMAGEM POPULAR